

Electricidade

6

ABRIL - JUNHO 1958

ACÇÃO E RESPONSABILIDADE

A acção é a fonte da vida das colectividades. Razão há, portanto, para que a desejem em mãos *responsáveis*. Aqui, *responsável* não significa fiador, mas antes idóneo, também qualificado, em qualquer caso, apto, competente, preparado.

Quem são, então, aqueles que na época actual se podem apelar de responsáveis? Que predicados os distinguem? Que cultura há que impôr-lhes? Que atitude, conduta, porte moral os obriga?

De há umas décadas a esta parte o mundo dos conhecimentos tem aumentado numa progressão em que ninguém, no limiar deste século, acreditaria. Esta evolução é uma realidade que justifica exigir-se aos responsáveis do momento presente uma extensão e uma intensidade cultural incomparavelmente maior que a imposta àqueles que conduziam o Mundo no passado. Sem dúvida são enormes as possibilidades que a ciência e a técnica abrem ao Homem da actualidade. Agora os problemas que a ele respeitam, os grandes problemas do seu futuro, apresentam-se, efectivamente em termos científicos. Qual o crescimento demográfico perante o desenvolvimento da medicina? Que resultados darão os novos métodos de amanhã e cultura das terras? Conseguir-se-á com eles alimentação para todos? Está para breve a foto-síntese em laboratório? Cultivar-se-ão os desertos? Ir-se-á ainda este ano à Lua? As guerras serão definitivamente abolidas?

É compreensível, portanto, que os homens de cultura científica, por força desse próprio predicado se tivessem tornado os candidatos predilectos para ocuparem as posições de comando. Verifica-se, presentemente, serem as próprias nações

a convidá-los em número cada vez mais elevado para esses lugares.

De resto, a convicção de que a vida actual impõe a passagem da *acção*, da mão dos homens de *cultura humanística* para os homens de *cultura científica* ganha cada dia mais consciências. Em Estocolmo Sir Alexander Todd declarava ao receber o Prémio Nobel da Química «os dirigentes do futuro, incluindo os políticos, deverão possuir forte intuição da cultura científica».

A razão desta entrega de poderes aos cientistas — atente-se no particular — não deriva dos conhecimentos científicos que possuem, mas de se ter verificado que só quem goza duma forte cultura científica está apto a sentir a moral que resulta das situações novas criadas em resultado das actuais descobertas da ciência e realizações da técnica.

A cultura científica é efectivamente um atributo necessário do *responsável* da época actual. Não é o único factor interveniente na classificação. Seria erro admiti-lo. Nunca uma cultura científica por mais forte que seja pode por si bastar para fazer *responsáveis*. Hoje, como ontem e, certamente, como amanhã, a qualidade de *responsável* tem obrigações morais. Assim foi no passado, assim é no presente e assim será no futuro. Quem não aceitar em fazer dádiva total da sua vida em prol dum maior bem-estar da colectividade por que responde, não pode ser *responsável*. Quem na consideração social e nos eventuais privilégios que lhe são conferidos em razão dessa própria qualidade de *responsável* queira ver mais que um reconhecimento não tem condições morais para o ser. *Responsável*, só pode sê-lo quem

possuir uma alma de aristocrata, e são o porte, a atitude na vida, e não o berço que a põem em evidência. Os verdadeiros responsáveis em qualquer época terão, necessariamente, que ser recrutados entre aqueles que apresentarem almas de eleição.

Promover entre as novas gerações a criação duma aristocracia de *responsáveis* apta a renovar os quadros da que envelhece é a *acção* de maior mérito da geração que está no poder. Porventura a actuação duma geração deve avaliar-se mais pelos *responsáveis* por ela criados que por quaisquer obras materiais que haja feito.

Por toda a parte, e mesmo entre nós, são os cientistas solicitados para orientadores da *acção*. Nunca o Mundo acreditou em alguém como actualmente nestes. São a sua esperança. Confia neles para o desaparecimento da fome, para a eliminação das guerras, para a diminuição do sofrimento.

Podem orgulhar-se disso cientistas e técnicos.

Bom será, porém, que a lição do passado, mostrando só poder exercer condignamente a

função *de responsável* quem for aristocrata no seu porte moral, não seja esquecida. Além disso, ao elaborarem os seus planos de acção tenham presente também, que o culto da ciência parece não bastar para fazer o Homem feliz. Um tal culto talvez possa na verdade, um dia, levar à criação duma religião do progresso. Resultaria por divinização da geração derradeira. A geração última de todas essas, teria assim assento no banquete messiânico. Mas as outras? Limitadas ao papel obscuro de simples e longínquas preparadoras desse banquete como satisfazerem os seus anseios de felicidade — o seu encontrar Deus — que acima de tudo almejam?

Acaba o País de perder o Doutor Aureliano de Mira Fernandes e Engenheiro João Alberto Barbosa Carmona. Duas almas de eleição. Presentes nestas reflexões, são exemplos de verdadeiros aristocratas que souberam conjugar o seu alto valor profissional com um inexcedível civismo. Marcos que ficam a apontar o caminho do dever.



A estrutura metálica representada na capa, é a do edifício destinado à instalação das caldeiras da Central Térmica da Tapada do Outeiro pertencente à Empresa Termoeléctrica Portuguesa que foi construída e montada pela
MAGUE

S. E. Moniz da Maia & Vaz Guedes, Lda.
(excluída a estrutura de apoio das Caldeiras)